

Não sou um grande defensor da
luta armada. É uma violência contra
o nosso próprio povo. Mas não é uma
invenção nossa, é uma exigência da
história

AMILCAR CABRAL

Guiné e Cabo Verde dois povos
indissoluvelmente ligados por laços
por laços históricos e de sangue.

Título da declaração do
P.A.I.G.C. apresentada em
Junho de 1962 ao Comité es-
pecial da ONU para os ter-
ritórios administrados por
Portugal

CABO VERDE-3º Ano de Independência

UNIDADE E LUTA

Foi em 5 de Julho de 1975 que Aristides Pereira, secretário-geral do PAIGC e presidente da República de Cabo Verde declarou o fim de trezen-
tos anos de colonialismo no arquipélago. Era o epílogo duma face diferente
de colonialismo, sublimado pelos seus defensores acérrimos, argumentando
estes em sua defesa a miscigenação originária do cruzamento físico entre
etnias vindas da Guiné e etnias portuguesas, genovesas, espanhóis e fran-
cesas enaltecendo um colonialismo "humanitário" e "pluriracial".

O colonialismo marcou duramente a vida do arquipélago deixando ao a-
bandono as culturas, causa relevante para justificar as longas e tormen-
tosas secas por que passa Cabo Verde o que obriga a períodos de fome e
saídas em massa da população que se distribui por diferentes latitudes
em busca dum magro salário que lhe permitisse viver e amassar algum
dinheiro para ir morrer à ilha donde partiu. Cabo Verde foi durante o
colonialismo abandonado no que concerne a planificação industrial e
agrícola servindo unicamente de fonte de abastecimento de homens para
trabalhar nas roças de S. Tomé e Angola e já nas duas últimas décadas do
colonialismo para trabalharem em degradantes e mal remunerados serviços
na metrópole colonial, preenchendo assim o lugar deixado vago pelos por-
tugueses que buscam melhores salários nem sempre compensadores.

Amilcar Cabral teorizou as tarefas a levar a cabo para a breve trecho
o colonialismo acabar no arquipélago. No crepúsculo do dia 19 de Setem-
bro de 1956 é fundado o PAIGC, partido da vanguarda da libertação dos po-
vos da Guiné e Cabo Verde. Era uma luta comum de dois povos de cultura
originariamente iguais, separadas pela ideologia propagandeada pelos por-
tugueses; A unidade tinha um ponto de partida. A luta cimentou essa uni-
dade tornando-a inquebrantável; E para vitória final desta tese tantas
vezes posta em dúvida pelos acérrimos defensores do colonialismo, o 3º
Congresso do PAIGC, congresso com o lema: independência para a unidade
e desenvolvimento, realizado em Bissau em Novembro de 1977, ratifica e
solidifica a Unidade Guiné-Cabo Verde, tantas vezes repetida por Amilcar
Cabral, mártir do colonialismo e figura de primeiríssima fila na histó-
ria da libertação dos povos africanos.

Amilcar Cabral nasceu em 12 de Setembro de 1924 e faleceu assassina-
do em 30 de Janeiro de 1973, ano da proclamação da independência da Guiné
Bissau (24 de Setembro). Dizia Samora Machel em 31/1/78 sobre a figura
carismática de Amilcar Cabral: "Pouco a pouco se desfazem os contornos
humanos de Amilcar Cabral, a voz quente fraternal e irónica de cada ges-
to, a simpatia irradiante que conquistava o coração, a perceptividade do
mundo, o brio de uma inteligência refinada e culta ao serviço do povo.
Em contrapartida afirmam-se os traços da sua obra, aquilo que criou e
lhe deu convergência para entrar como personagem maior na história do
nosso continente e da humanidade.

Não é a morte mero fatalismo biológico, que nos reúne aqui. Viemos por-
que Amilcar Cabral, o seu pensamento e a sua acção, a sua vontade e ener-
gia, materializando-se no PAIGC, encarnando a humilhação, o ódio e a von-
tade de libertação de um povo inteiro, transformou completamente a reali-
dade histórica da Guiné e Cabo Verde.

Estes apareciam como pontos vagos da presença colonial portuguesa no nosso continente.

Foi a luta, a unidade do Povo no seu combate, que desferindo golpes poderosos ao inimigo, não só permitiu que o povo forjasse a sua personalidade, como também se afirmasse no plano internacional. É isto que as balas disparadas pelos agentes da Pide contra Amílcar Cabral ou as bombas assassinas largadas pelos aviões da NATO contra o povo nunca puderam atingir!

Em 1978 o PAIGC, firme aos princípios que nortearam o aparecimento da ex-CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas) promove reuniões regulares com o fim de aproximar os seus membros, perspectivando e planeando acções conjuntas, e ainda como ficou patenteado pela cimeira Luso-Angolana em Bissau, promove a concórdia entre os ex-exploradores (Portugal) e os ex-explorados (ex-colónias), hoje com espírito bastante diferente, pretendendo limar definitivamente as sequelas dum colonialismo que finalmente pertence ao passado firmemente enterrado. Luís Cabral e Pedro Pires, dois homens da primeira linha do PAIGC tudo têm feito nesse sentido e por certo os seus objectivos terão porfícuos resultados.

Viva o 5 de Julho de 1978

Viva o PAIGC

Honremos o camarada Amílcar Cabral

Viva a Unidade Guiné-Cabo Verde

Unidade e Luta

A Vitória é Certa

A Luta Continua

Grupo de Estudantes Angolanos em Coimbra